

**JOSÉ FRANCISCO GUELFÍ CAMPOS
MARTA ELOÍSA MELGAÇO NEVES
VERONA CAMPOS SEGANTINI**

“JOÃOS”: JOÃO DAS NEVES E SEU ARQUIVO

Resumo

>

O artigo pretende discutir, partindo do ponto de vista da arquivística, os desafios da abordagem do arquivo de João das Neves, sob guarda da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, sondando as circunstâncias que orientaram o processo de acumulação documental, para então vislumbrar seu potencial para a compreensão da trajetória do artista.

Palavras-chave:

Arquivos pessoais. Grupo Opinião. Teatro.

“JOÃOS”: JOÃO DAS NEVES E SEU ARQUIVO

JOSÉ FRANCISCO GUELFY CAMPOS¹

MARTA ELOÍSA MELGAÇO NEVES²

VERONA CAMPOS SEGANTINI³

¹ Professor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: jfgcampos@eci.ufmg.br.

² Professora da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nevesmarta@hotmail.com.

³ Professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: verona-segantini@yahoo.com.br.

Nascido no Rio de Janeiro, em 31 de dezembro de 1934, João Pereira das Neves Filho traçou uma trajetória profissional de relevo, atestada pelos diversos prêmios que recebeu ao longo da carreira, entre os quais mais de um *Molière*, que sem dúvidas o credencia não apenas como um “grande nome” do teatro brasileiro, mas também como um “artista completo”. Polivalente, desempenhou diversas funções no campo das artes cênicas: atuou, dirigiu e produziu peças e *shows*, criou cenários, agrupou pessoas e articulou movimentos que se espraiaram para além dos palcos. Da Fundação Brasi-

leira de Teatro, onde iniciou a formação de ator e diretor em meados da década de 1950, aos projetos que desenvolveu a partir dos anos 1990, quando fixou residência no estado de Minas Gerais, esteve ligado ao Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, dirigiu o Grupo Opinião, passou temporada na Alemanha (experimentando o teatro radiofônico), deslocou-se para o Acre, onde articulou a formação do Grupo Poronga, engajou-se em questões ligadas ao meio-ambiente e intensificou seu interesse pelas comunidades indígenas e pelas manifestações da cultura popular (ENCICLOPÉDIA..., 2019; BATISTA, 2014).

Falecido em 24 de agosto de 2018, nos últimos tempos João das Neves dividiu seu tempo entre a direção teatral, projetos de edição de livros e a seleção de itens de seu acervo, vislumbrando a possibilidade de doá-lo a uma instituição de custódia do patrimônio documental. Com recursos obtidos junto ao Programa Rumos Itaú Cultural, seus documentos receberam tratamento inicial, foram higienizados, acondicionados e digitalizados. Em 2017, uma parcela de seu arquivo foi adquirida por meio de doação pela Universidade Federal de Minas Gerais e incorpora-

da ao acervo da Divisão de Obras Raras e Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG.

Desde então, o arquivo, de inegável relevância para pesquisas a respeito da biografia do “homem de teatro”, da história do teatro brasileiro e de questões próprias dos mais variados campos do conhecimento, vem servindo também como objeto de experiências didáticas conduzidas por professores da Escola de Ciência da Informação e da Escola de Belas Artes da UFMG no âmbito de disciplinas optativas que visam a incrementar a formação dos alunos do curso de graduação em Arquivologia e promover amplo acesso aos documentos.

Neste artigo, procuramos explorar – sem a pretensão de esgotá-lo – o potencial do arquivo de João das Neves, com base em resultados parciais obtidos nas experiências em andamento. Para tanto, discutimos a natureza e a constituição dos chamados arquivos pessoais, bem como o lugar instável que ocupam no bojo da teoria arquivística, apresentamos panoramicamente o acervo, no que tange aos seus aspectos formais, para então sondar, à luz dos documentos que o compõem, os desafios que se impõem na abordagem do arquivo de um homem que imprimiu, de forma *sui generis*, sua mar-

ca na cultura e nas artes brasileiras.

Arquivos pessoais

A história dos arquivos se confunde com o advento da escrita: em tabletes de argila, os sumérios registravam a movimentação de pessoas, o pagamento de tributos, a entrada e saída de rebanhos e mercadorias, com o claro propósito de controlar a gestão de seus negócios frente a falibilidade da memória (BARRAZA LESCANO, 1996, p. 11-16). No dizer de Joël Candau (2012, p. 108), a escrita possibilitou o estoque de informações “cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral”. A condição instrumental (e oficial) dos documentos, ligada ao imperativo da necessidade de fazer constar, controlar e administrar, esteve, desde o nascedouro, imbricada no conceito de arquivo⁴, definido nos primeiros manuais da área⁵ como

(...) conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos por determinado *órgão administrativo ou por um de seus funcionários*,

na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário. (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973, p. 13, grifos nossos)

[conjuntos de] documentos que fizeram parte de uma transação oficial e que foram preservados para referência oficial. (...) tanto os que foram especialmente produzidos em função de uma transação oficial quanto aqueles nela incluídos. (...) o conceito de arquivo deve ser estendido às coleções formadas por organizações ou pessoas privadas, *no gozo de suas capacidades oficiais ou corporativas*. (JENKINSON, 1937, p. 4-5, tradução e grifos nossos)

Contudo, a noção de que os subprodutos das atividades cotidianas, das malhas de relacionamento social e familiar, e dos diferentes papéis sociais desempenhados pelos indivíduos ao longo da vida podem ser considerados “documentos de arquivo” constitui reivindicação relativamente recente no campo da Arquivologia, ainda que os chamados arquivos pessoais venham despertando, desde há muito, o interesse de historiadores e estudiosos das mais diversas áreas do saber, como sinalizaram Phillipe Artières e Dominique Kalifa (2002). Com efeito, as desconfiças em torno da condição “arquivística” dos conjuntos de documentos acumulados por

⁴ Como notou Aleida Assmann (2011, p. 367), a raiz etimológica do termo “arquivo” – do grego, *arché* – admite diferentes significados, entre os quais “início”, “origem”, “autoridade”, “repartição pública”, “escritório público”, dos quais Jacques Derida (2001, p. 11) derivou a suposta ambiguidade dos arquivos, contida na ligação entre “começo” e “comando”, o princípio da natureza ou da história em concorrência com o princípio da lei.

⁵ Convém chamar a atenção para a relevância do *Manual de arranjo e descrição de arquivos*, popularmente conhecido como “manual dos holandeses”, de Muller, Feith e Fruin, e do manual de Hilary Jenkinson, originalmente publicados em 1898 e 1922, como marcos da estruturação da Arquivologia como campo de conhecimento. Em que pese às críticas atualmente propaladas a estas obras e seus autores (LANE; HILL, 2011), havendo quem (ingenuamente) denuncie seu caráter “positivista”, vale frisar que nelas se encontram conceitos e definições que, para além de terem fundamentado o desenvolvimento do pensamento arquivístico, renovam sua pertinência na atualidade.

peças derivam de suas peculiaridades, de seus contornos fluidos e não raro indefinidos. Se é bem verdade que os indivíduos acumulam documentos porque estes materializam fatos, servindo-lhes de prova, e são, via de regra, dispositivos necessários para viabilizar atividades rotineiras e mediar a relação entre as pessoas, as instituições e o Estado, também é certo que boa parte daquilo que se encontra em um arquivo pessoal não deriva de fatos juridicamente relevantes: registram ações corriqueiras, pensamentos, posicionamentos políticos, dão corpo aos laços afetivos, familiares e sociais (CAMPOS, 2014, p. 43-45).

Os arquivos pessoais, de fato, podem inebriar aqueles que deles se aproximam. Fascinam, enredam, enfeitiçam, como alertou Angela de Castro Gomes (1998). Iludem, fazendo acreditar que constituem canais diretos de acesso à memória dos indivíduos (ESCOBEDO, 2006) ou que são capazes de oferecer uma imagem cuidadosamente arquitetada de quem os acumulou (HEYMANN, 2012). Mas reconhecê-los como arquivos, no sentido estrito do termo, implica revisitar algumas lições da teoria arquivística que nunca saem de moda, a despeito do surgimento de discursos supostamente mais sedutores. Antes

de compreendê-los como impérios da subjetividade, vale lembrar que os arquivos não surgem por capricho ou vaidade, pelo contrário, sua formação atende a um movimento necessário, progressivo, natural e orgânico (BELLOTTO, 2002, p. 21), embora não necessariamente linear e isento de influências circunstanciais. Tampouco os documentos são produzidos na expectativa de que, num futuro remoto, sirvam aos interesses dos pesquisadores especializados. No dizer de Blanca Rodríguez Bravo (2002, p. 143, tradução nossa), “o documento de arquivo nasce para dar vida à razão de sua origem”, e a sua razão de ser é justamente materializar fatos, eventos e incidentes, no sentido de viabilizar ações e de servir-lhes de prova ou testemunho.

No entanto, não é incomum, dentre as diversas metáforas e representações aplicadas aos arquivos de pessoas, encontrar quem prefira enxergá-los como “narrativas de si” (McKEMMISH, 2013), “albergues de uma memória dotada de singularidade” (ESCOBEDO, 2006) ou “repositórios de conhecimento realocado” (ASSMANN, 2011). Margaret Hedstrom (2016) e Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (1999) trataram de explorar, de forma particularmente sugestiva, as intrinca-

das relações que podem ser traçadas entre documentos, arquivos e memória; contudo, convém evocar a conclusão a que chegou a arquivista canadense Laura Millar: os arquivos, bem como os documentos que os compõem, não armazenam a memória de seus criadores, mas funcionam como gatilhos que acionam processos de rememoração (MILLAR, 2006), isto é, oferecem acesso à matéria-prima da memória, garantindo a possibilidade de construí-la e moldá-la segundo as circunstâncias do presente (MENNE-HARITZ, 2001, p. 59-61).

Antes de dar vazão às diversas possibilidades de interpretação que podem ser extraídas a partir da leitura dos documentos, convém ter sempre em mente o fato de que o arquivo não constitui um fim em si mesmo:

Se os arquivos não fossem meios, não lograriam possuir a capacidade de refletir as diferentes atividades de que participam. Suportar que todo arquivo, porque pessoal, tem uma dimensão autobiográfica, eivada de distorções e conscientemente produzida, é ignorar a condição probatória que emana das atividades *ménagères*. O contrário é verdadeiro: se o arquivo pessoal fosse atividade finalística, empenhada na construção de determinada imagem, deixaria de ser arquivo. (CAMARGO, 2009a, p. 36)

Como sublinhou Ana Maria Camargo (2015), em ensaio dos mais provocativos, os arquivos não são dotados de vida própria, nem da força necessária para promover determinada versão dos fatos. Matéria inerte, os arquivos não falam por si sós. A garantia de sua capacidade especular, atributo congênito que os caracteriza e os distingue das coleções,⁶ avalizando seu uso em situações e para finalidades muito distintas daquelas que presidiram sua acumulação, repousa justamente na manutenção do elo entre os documentos e as atividades de que se originaram (CAMARGO, 2009a, p. 36). Nisto reside a especificidade dos arquivos – sua condição probatória – e também da disciplina que se dedica a estudá-los, a Arquivologia, definida por Angelika Menne-Haritz (1998) como “a ciência dos contextos e relações”.

Caminhos e descaminhos: a formação do arquivo

Se os arquivos não falam por si sós e também não são capazes de oferecer uma via direta de acesso à memória de seus titulares, é certo que oferecem a possibilidade de ob-

⁶ Eivados de organicidade, “os arquivos refletem a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora em suas relações internas e externas” (CAMARGO; BELLOTTO, 2012, p. 65). Já as coleções se definem pelo agrupamento artificial de documentos de origens diversas, geralmente sob a égide da afinidade temática. Não atendem, portanto, aos princípios norteadores da teoria e da prática arquivísticas (proveniência, organicidade, unicidade, indivisibilidade e cumulatividade). Sobre os princípios arquivísticos e a caracterização dos conjuntos documentais, recomenda-se ver Heredia Herrera (2015) e Bellotto (2002).

ter respostas às perguntas que lhes são formuladas. Segundo Menne-Haritz (2001, p. 61, tradução nossa), “os arquivos não devem ser lidos, eles devem ser compreendidos”. Esta compreensão, que passa necessariamente pelo entendimento da relação entre os documentos e seus contextos originários, pode muitas vezes ser construída também no patamar das informações não verbais, na relação das partes (séries documentais) com o todo (arquivo), na disposição original ou “primitiva” dos documentos (MENNE-HARITZ, 1992).

Tão importante quanto conhecer as razões primeiras que determinam a produção dos documentos é buscar compreender as motivações, circunstâncias e os sentidos da acumulação documental, bem como identificar as eventuais transferências de propriedade e custódia, as intervenções técnicas realizadas ao longo do tempo, as dispersões e as ocorrências que podem ter resultado em perda ou mutilação de parcelas do arquivo.

Para além das sondagens e hipóteses levantadas ao longo de três semestres de trabalho com os documentos e com as listagens preliminares que acompanharam o

processo de formalização da doação do acervo, pudemos ouvir o próprio João das Neves falar a respeito do processo de formação de seu arquivo, em entrevista ainda inédita, concedida pelo artista em sua residência, na cidade de Lagoa Santa (MG), em 25 de junho de 2018.⁷

Há pouco falamos a respeito do movimento progressivo que, segundo a teoria arquivística, caracteriza a acumulação de documentos e a formação dos arquivos, seja no âmbito das instituições, seja no escopo do cotidiano da vida privada. Embora seja genuíno supor que João das Neves tivesse consciência da importância de sua obra e da relevância de seu papel social, suas palavras reforçam a noção de que a acumulação documental atende a um fluxo natural e orgânico. Além disso, sinalizam a fronteira tênue entre o individual e o coletivo, manifestada a todo momento em seu acervo:

[...] eu não sou um arquivista sistemático [...] Quando nós formamos o Grupo Opinião, a gente tinha um sentimento de guardar as coisas porque era normal que nós guardássemos os recortes de jornais, as peças que nos enviavam, não sei que lá, uma coisa mais ou menos... cotidiano normal, sem nenhuma sistematização, nada disso. (NEVES, 2018)

Com efeito, uma das primeiras dúvidas surgidas no trabalho com o arquivo teve justamente a

⁷ Parte do encontro foi registrado pela TV UFMG (ver referências). A íntegra da entrevista, totalizando 75 minutos, vem sendo transcrita e, por ora, permanece inédita.

ver com a representatividade do conjunto documental em relação à trajetória do indivíduo. Em que medida seria o arquivo capaz de refletir a vida de João das Neves, tendo em vista o extenso volume de documentos que, num primeiro momento, pareciam mais retratar as atividades do Grupo Opinião e de outros grupos teatrais que participou? Aos poucos, a questão foi se desdobrando em outras: faz sentido pretender dissociar as trajetórias de João das Neves e dos grupos por ele fundados e dirigidos? Afinal, o que seria o arquivo de João e o arquivo do Opinião? Seria possível (ou até mesmo desejável) delimitar onde um acaba e o outro começa?

Embora fizesse questão de ressaltar o sentido verdadeiramente coletivo do Grupo Opinião, no que tange à criação artística e também no que diz respeito às atribuições de cunho administrativo, João reconhece que, mesmo sem talento inato de gestor, teve de assumir a posição de administrador dos negócios do grupo, sobretudo depois das cisões ocasionadas por desentendimentos entre seus integrantes. Ao assumir as dívidas do Grupo, levou de “brinde” também o arquivo:

[...] eu tomei a decisão de não acabar com o Grupo [...] eu vou assumir as dívidas do Grupo e quero ficar com o acervo, tudo que está aqui vai ser meu. [...] eu sentia a necessidade

de não perder aquilo ali, não perder aquela história e preservar tudo o que estava ali, independente da importância do documento, da significação ou não [...] se aquilo se dissolvesse, aquilo ia o quê? No máximo nós íamos jogar fora metade das coisas, a outra metade ia para cada um de nós, se espalhar, e se perderia aquilo. (NEVES, 2018)

Já em 2004, o interesse sobre o acervo do Grupo Opinião ganhou as páginas dos jornais, em matéria publicada em *O Globo* por ocasião do aniversário de 70 anos de João das Neves e de sua mudança para a cidade de Lagoa Santa (MG), onde se estabeleceu após residir por cerca de dez anos em Belo Horizonte. Na reportagem, o conjunto de fotografias, recortes de jornal, cartazes e gravações de espetáculos e *shows* recebeu o *status* de “tesouro” guardado na residência do artista, “material precioso para um livro” (OLIVEIRA, 2004).

Os documentos atualmente sob custódia da Biblioteca Universitária da UFMG não representam, contudo, a totalidade do arquivo de João das Neves. Com o falecimento do titular, a aquisição de outras parcelas de seu arquivo agora depende de tratativas e negociações com os familiares. Mesmo que outros documentos sejam incorporados ao fundo, por meio de doação, não se poderá falar em um arquivo “completo”: a totalidade dos arquivos é sempre inatingível, haja vista que passam, inevitavelmente,

pelo crivo de seus titulares, que não raro avaliam os documentos ainda em vida, excluindo periodicamente aquilo que não mais lhes convém, seja porque os documentos perderam a funcionalidade original ou o potencial de reutilização, seja por outras razões às vezes insondáveis. Outras intervenções, no sentido de seleção dos documentos também podem ser realizadas pela família e até mesmo pela instituição de custódia, de modo a atender aos interesses que qualificam sua linha temática ou esfera de especialização. O arquivo de João das Neves esteve também sujeito a situações fortuitas que resultaram em perdas irreparáveis:

[...] esse arquivo, eu perdi parte dele. [...] numa dessas tempestades das águas de março no Rio de Janeiro [...] meu telhado tinha muitas telhas quebradas [...] a laje se encheu de água, né, a água não costuma ficar parada, procura sempre um lugar por onde sair, e achou, né? E achou em cima de onde? [...] Da minha biblioteca. Eu tive perdas também da minha biblioteca, perdi mesmo, e parte do arquivo que tava ali também foi embora. (NEVES, 2018)

O aumento progressivo do volume do conjunto documental, mais a escassez de espaço para mantê-lo em casa e também certa noção acerca de sua utilidade pública (vale recordar que parte do acervo já havia sido objeto de digitalização

e exposição),⁸ parecem ter determinado a decisão de doar os documentos para uma instituição capaz de acolhê-los, tratá-los e promover o acesso irrestrito ao arquivo.

Então chegou um ponto que eu disse não, não dá pra guardar tudo. O que que eu vou fazer agora? Eu vou jogar fora? Quer dizer, eu vou doar para uma instituição [...] ver o que é relevante nisso, o que não é relevante, afinal de contas é tanto papel que não é relevante [...] me assustou o grande interesse da UFMG em torno do arquivo. Eu não tenho ainda noção da dimensão que esse arquivo possa ter quando vocês começam a falar dele [...] Quinze pessoas na minha casa por causa desse arquivo? Meu Deus do céu, deve haver algum equívoco aí! (NEVES, 2018)

O arquivo de João das Neves e os vários “Joãos”: sondagens e desafios

Vasto e multifacetado, o arquivo de João das Neves – ou, melhor, a parcela dele que atualmente se encontra na Biblioteca Universitária da UFMG – é composto de documentos que registram suas atividades profissionais no campo das artes cênicas no período que se estende da década de 1960 aos anos 1990.

Destacam-se, no conjunto, documentos de gênero textual (isto é, aqueles que utilizam a palavra escrita na comunicação de seu conteúdo), produzidos em suporte papel, embora note-se também, em menor volume, documentos de gênero

⁸ Parte do acervo foi exposta na Ocupação João das Neves, que ficou em cartaz de 27 de setembro a 8 de novembro de 2015 na sede do Instituto Itaú Cultural, em São Paulo (SP).

iconográfico, sonoro e audiovisual em suportes magnéticos e ópticos, além de troféus, medalhas e outros distintivos que representam os prêmios e honrarias recebidos ao longo da carreira. Na primeira remessa, o artista doou à universidade cerca de 8 mil itens documentais,⁹ os quais se encontram higienizados e acondicionados em caixas e outros invólucros adequados ao formato e à natureza dos diferentes suportes.

Atualmente, o arquivo vem passando por conferência, tomando-se por base a listagem preliminar preparada por uma equipe coordenada pelo titular a pedido da Procuradoria Jurídica da UFMG como parte das exigências para a conclusão do processo de doação. Embora não se destine a descrever os documentos em todos os seus aspectos formais e contextuais, esta listagem vem sendo utilizada como instrumento norteador do acesso ao arquivo, dividido inicialmente em três séries documentais. No entanto, cumpre ressaltar que não se trata de instrumento de pesquisa definitivo. O trabalho de revisão, que vem envolvendo dois professores do curso de Arquivologia, uma professora do curso de

Museologia, alunos da Escola de Ciência da Informação e técnicos da Biblioteca Universitária, tem como uma de suas perspectivas dotar o arquivo de instrumento descritivo elaborado em consonância com a teoria arquivística, capaz de informar aos usuários as relações contextuais entre as séries documentais e, conseqüentemente, o potencial informativo acerca das funções, atividades e dos eventos que presidiram a sua acumulação.

Em que pese ao conhecimento ainda incipiente acerca do conjunto documental e da ordenação a que foi submetido quando de sua preparação para a aquisição, o trabalho direto com os documentos ao longo dos últimos três semestres letivos (iniciativa a ser continuada em 2019 e nos anos seguintes, tanto no âmbito de disciplinas optativas quanto no escopo de projetos de pesquisa e de extensão) permite vislumbrar, mesmo que de forma embrionária, o potencial do arquivo para a compreensão da trajetória de João das Neves, de seus modos de pensar e agir, bem como para pesquisas em outros campos do saber, não necessariamente centradas na biografia do teatrólogo.

⁹ Convém frisar que a extensão exata do arquivo, no que diz respeito ao número de unidades documentais, tende a se alterar, dado que o processo de conferência tem revelado a existência de itens que não foram identificados na listagem preliminar ou que estavam identificados coletivamente, carecendo de desmembramento.

A série 1, composta por fotografias, contém, para além de reportagens fotográficas de ensaios e encenações de diferentes espetáculos, retratos de sua estada na Alemanha, entre 1978 e 1979, período em que lá estudou e trabalhou com bolsa oferecida pela Westdeutscher Rundfunk. Destacam-se os registros fotográficos de produções teatrais do Grupo Opinião, do Poronga e de outros projetos em diferentes cidades. Sobressaem também imagens que registram sua atuação em Rio Branco (Acre, 1986 a 1992), bem como o seu trabalho junto aos Grupos de Congado e à Festa do Rosário em Oliveira (Minas Gerais, a partir de 1992).

A série 2 é composta por recortes de jornal reunidos, em sua maioria, por agências de *clipping*, testemunhando, por meio de anúncios e resenhas, o acompanhamento da divulgação dos espetáculos e as críticas veiculadas na imprensa periódica. A expressividade do conjunto documental pode ser explicada tanto pela importância dos jornais diários na articulação dos diferentes aspectos da vida social (político, econômico e cultural) quanto pela intensa capacidade de trabalho de João das Ne-

ves e dos grupos em que atuou.¹⁰

Na série 3 estão representadas as atividades de gestão, no que tange à administração de pessoas, recursos financeiros e espaços teatrais, por meio de documentos como contratos de trabalho, recibos, orçamentos, alvarás de funcionamento e certificados emitidos pelo serviço de censura. Nesta mesma série se encontram documentos relativos à organização de seminários (uma constante na trajetória de João das Neves), documentos ligados à criação artística, como peças de teatro, notas e comentários redigidos ao longo da preparação e do ensaio de espetáculos, além de apontamentos e reflexões de caráter teórico e especulativo a respeito da fundamentação de sua prática e de suas concepções de dramaturgia.

Como em todo arquivo, lacunas e silêncios permeiam o conjunto documental. Neste sentido, convém notar a ausência de documentos ligados à prolífica produção bibliográfica do titular, bem como o reduzido volume de correspondência presente na remessa doada à UFMG, o que pode se explicar, entre outras hipóteses, pela suposição de que João das Neves ainda os utilizasse como subsídios para os

¹⁰ Segundo João das Neves relatou em entrevista, o Grupo Opinião chegava a realizar até nove apresentações por semana (NEVES, 2018).

projetos que vinha desenvolvendo.

Para além da força probatória em relação às atividades que motivaram sua produção e acumulação, os documentos podem ser empregados na construção e compreensão de diferentes facetas de João das Neves, aspectos ou momentos de sua produção artística e de sua complexa trajetória, em que pese à ausência de registros acerca de sua intimidade e de suas relações familiares.

O entrelaçamento dos percursos do teatrólogo e do Grupo Opinião dá a tônica das percepções que vêm sendo tecidas a respeito da constituição do arquivo. Ainda que não estejam destacados, mas dispersos entre as três séries documentais, é interessante notar que os registros relacionados à atividade do Opinião justificam a urgência manifestada por João das Neves em preservá-los.

Vale sublinhar que os deslocamentos marcam sua trajetória, o que se traduz na formação do arquivo. Embora a seleção e a guarda dos documentos tenham sido impulsionadas pelo desejo de preservar o arquivo do Grupo Opinião, é certo que o conjunto documental foi sendo acrescido a partir da continuidade das experiências profissionais. Os documentos - subprodutos das atividades que exerceu

como ator, autor, diretor e gestor - são capazes de revelar o repertório que mobilizou para conformar seu pensamento e fundamentar a sua dramaturgia, além de apontar como sua produção artística é interdependente da prática política.

São estes alguns aspectos de João das Neves que podem ser vislumbrados a partir do contato com os documentos que acumulou. No entanto, os arquivos não são capazes de corresponder de forma direta aos interesses e questionamentos de quem deles se aproxima, de modo que tantos outros ângulos poderão vir à tona segundo diferentes perspectivas de observação.

Se a redação dos documentos, na esfera das ações administrativas oficiais, obedece aos ditames do direito, do notariado ou das rotinas burocráticas que imprimem determinadas marcas características do contexto de produção, permitindo reconhecer, mesmo em documentos isolados, “o ato que lhes deu origem, o agente responsável por tal ato e o procedimento então convenicionado para cumpri-lo” (CAMARGO, 2009b, p. 428), no que tange aos documentos geralmente encontrados nos arquivos de pessoas nem sempre é assim: autoria, título que remeta ao conteúdo do documento, data, local, entre outros elementos,

podem simplesmente estar ausentes.

O que, por um lado, pode mesmo dificultar a identificação das circunstâncias de produção do documento, por outro, não chega a obscurecer seu contexto de acumulação. Estamos diante de um dilema que, por mais difícil que seja sua solução (do ponto de vista da arquivística), não impede ao usuário lançar mão destes documentos (ou fragmentos de documentos) como fontes para a pesquisa. O arquivo de João das Neves não escapa a esta realidade. Nele, como em qualquer outro arquivo pessoal, também estão presentes documentos eivados de aspectos fragmentários. De toda forma, neles se reconhecem as marcas de sua proveniência, isto é, as razões pelas quais foram acumulados, o que possibilita atribuir-lhes significados em potencial e até mesmo sondar o lugar que ocupam no bojo das atividades rotineiras do indivíduo que os preservou.

Caso exemplar é o de um item incompleto¹¹ que compõe a série 3. Em 14 páginas datilografadas (falta a primeira), articula-se uma discussão acerca da relevância da obra de Bertold Brecht, a partir da contraposição a trabalhos de escritores expressionistas como Walter Ha-

senclever, Arnolt Bronnen e Hans Johst e à luz da sociologia de Fritz Sternberg, confluindo para a síntese de uma determinada concepção de dramaturgia. Não se conhecem o título, nem o autor, tampouco a data em que o texto foi escrito. Também não estão dadas as condições ou circunstâncias sob as quais o documento foi produzido, lido, apropriado. O estilo de escrita, formal, muito próximo do acadêmico, oferece pistas que se desdobram em hipóteses sobre a origem do documento: teria sido preparado para uma palestra? Seria tradução de um ensaio ou de um artigo? Apontamentos de leitura, reflexões esparsas de um João estudioso?

De uma forma ou de outra, o que se sabe, com segurança, é que foi acumulado por João das Neves, na esteira de suas atividades rotineiras, na forja de seu ofício. A leitura do conteúdo do documento em função do conhecimento da trajetória do homem que o acumulou sinaliza, de maneira particularmente sugestiva, as opções com que João das Neves fundamentou sua arte. A condição instrumental deste documento se ilumina: a partir daí, vão se desdobrando as possibilidades de encontrar, no labirinto de seu arquivo,

¹¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Biblioteca Universitária, Divisão de Obras Raras e Coleções Especiais, Arquivo de João das Neves, série 3, caixa 19/23, pasta 44.

não apenas um, mas vários “Joãos”.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Phillipe; KALIFA, Dominique. Présentation: l'historien et les archives personnelles: pas à pas. **Sociétés et Représentations**, Paris, v.1, n. 13, p. 7-15, 2002.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARRAZA LESCANO, Sergio. Historia de los archivos. In: INSTITUTO PANAMERICANO DE GEOGRAFÍA E HISTORIA. Nuestra palabra: textos archivísticos panamericanos. Lima: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1996, p. 11-47.

BATISTA, Natália Cristina. Nos palcos da história: teatro, política e Liberdade, Liberdade. 2014. 300 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 set. 2013.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivística: objetos, princípios e rumos. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). Dicionário de terminologia arquivística. 3 ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2012.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos não falam. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane (org.). Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 11-13.

_____. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano 45, n. 2, p. 26-39, jul/dez 2009a.

_____. Os arquivos e o acesso à verdade. In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (org.). Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil (volume II). São Paulo: Hucitec, 2009b. p. 424-443.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. 2014. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 jul 2014.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Tradução de Cláudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. João das Neves. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20122/joao-das-neves>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

ESCOBEDO, Joana. Los caminos de la memoria. Archivos personales. In: SEMINARIO de Archivos Personales, Madrid, 26 a 28 de mayo de 2004. Madrid: Biblioteca Nacional, 2006. p. 55-79.

ESTUDANTES da ECI/UFMG conversam com dramaturgo João das Neves sobre arquivos pessoais. Belo Horizonte: TV UFMG, 26 jun. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cjv_E0ESO5A>. Acesso em 28 jan. 2019.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos pessoais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

HEDSTROM, Margaret. Arquivos e memória coletiva: mais que uma metáfora, menos que uma analogia. In: EASTWOOD, Terry; MacNEIL, Heather (org.). Correntes atuais do pensamento arquivístico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016. p. 303-341.

HEREDIA HERRERA, Antonia. El principio de procedencia y los otros principios de la archivística. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de (org.). Archivos y documentos: textos seminales. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2015. p. 43-56.

HEYMANN, Luciana Quillet. O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2012.

JENKINSON, Hilary. A manual of archives administration. 2 ed. London: Percy Lund, Humphries & Co., 1937.

LANE, Victoria; HILL, Jennie. What do we come from? What are we? Where are we going? Situating the archive and archivists. In: HILL, Jennie (ed.). The future of archives and recordkeeping: a reader. London: Facet, 2011. p. 3-22.

McKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (org.). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013. p. 17-43.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1999. p. 11-29.

MENNE-HARITZ, Angelika. Access – the reformulation of an archival paradigm. *Archival Science*, Dordrecht, v. 1, n. 1, p. 57-82, mar 2001.

_____. What can be achieved with archives?. In: The concept of record: report from the Second Stockholm Conference on Archival Science and the Concept of Record. Stockholm: Riksarkivet, 1998. p. 11-24.

_____. L'informatique aux archives: les expériences allemandes. In: BUCCI, Oddo (ed.). Archival Science on the threshold of the year 2000. Ancona: University of Macerata, 1992. p. 267-273.

MILLAR, Laura. Touchstones: considering the relationship between memory and archives. *Archivaria*, Ottawa, n. 61, p. 105-126, Spring 2006.

MULLER, Samuel; FEITH, Johan; FRUIN, Robert. Manual de arranjo e descrição de arquivos. Tradução de Manoel Adolpho Wanderley. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.

NEVES, João das. Entrevista concedida a professores e alunos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Lagoa Santa, 25 jun. 2018.

OLIVEIRA, Roberta. Um homem de opinião. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2004. Prosa & Verso, p. 1-2.

RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca. El documento entre la tradición y la renovación. Madrid: Trea, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Biblioteca Universitária, Divisão de Obras Raras e Coleções Especiais. Arquivo de João das Neves, série 3, caixa 19/23, pasta 44.

Abstract

This paper discusses, from the perspective of Archival Science, the challenges of the approach to João das Neves' archives, under custody of the Federal University of Minas Gerais, prospecting the circumstances of the recordkeeping and finally shedding light over its informational potential for understanding the artist's journey.

Keywords

Personal archives. Grupo Opinião. Theater.